

Motivo. Nível de escolaridade maior e melhoria no padrão de vida são fatores ligados à mudança de perfil

OK-DG

Casais adiam cada vez mais a hora de aumentar a família

A-33/40.02

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

GABRIEL LORDÉLLO

Dados do IBGE apontam que cresceu no Estado o número de casais sem filhos ou com apenas um

DANIELLA ZANOTTI
dzanotti@redgazeta.com.br

Os casais têm optado por prorrogar, cada vez mais, o “enfim-sós” depois do primeiro minuto de casamento. Ter filhos não é mais uma consequência automática para quem divide o mesmo teto. E os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ajudam a sustentar isso quando revelam um crescimento no número de casais sem filhos no Estado.

Em 2001, 10,9% dos casais não tinham filhos. A estatística subiu para 15,9% em 2008, chegando a 17,9% em 2009. A presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Paula Vescovi, explica que o resultado pode significar uma situação transitória, mas a tendência no Estado e no país é de um número cada vez menor de membros nas famílias.

“No momento da pesquisa, os casais não tinham filhos, mas isso não significa que nunca não ter. A gravidez pode ser tardia também. O que mais predomina hoje são casais com apenas um filho”, diz Ana Paula Vescovi.

Outra constatação da pesquisa é que quanto maior a renda da família, menor é o número de filhos. Ou seja, embora marido e mulher trabalhem e tenham condições de sustentar mais de um filho, a maioria não opta por isso.

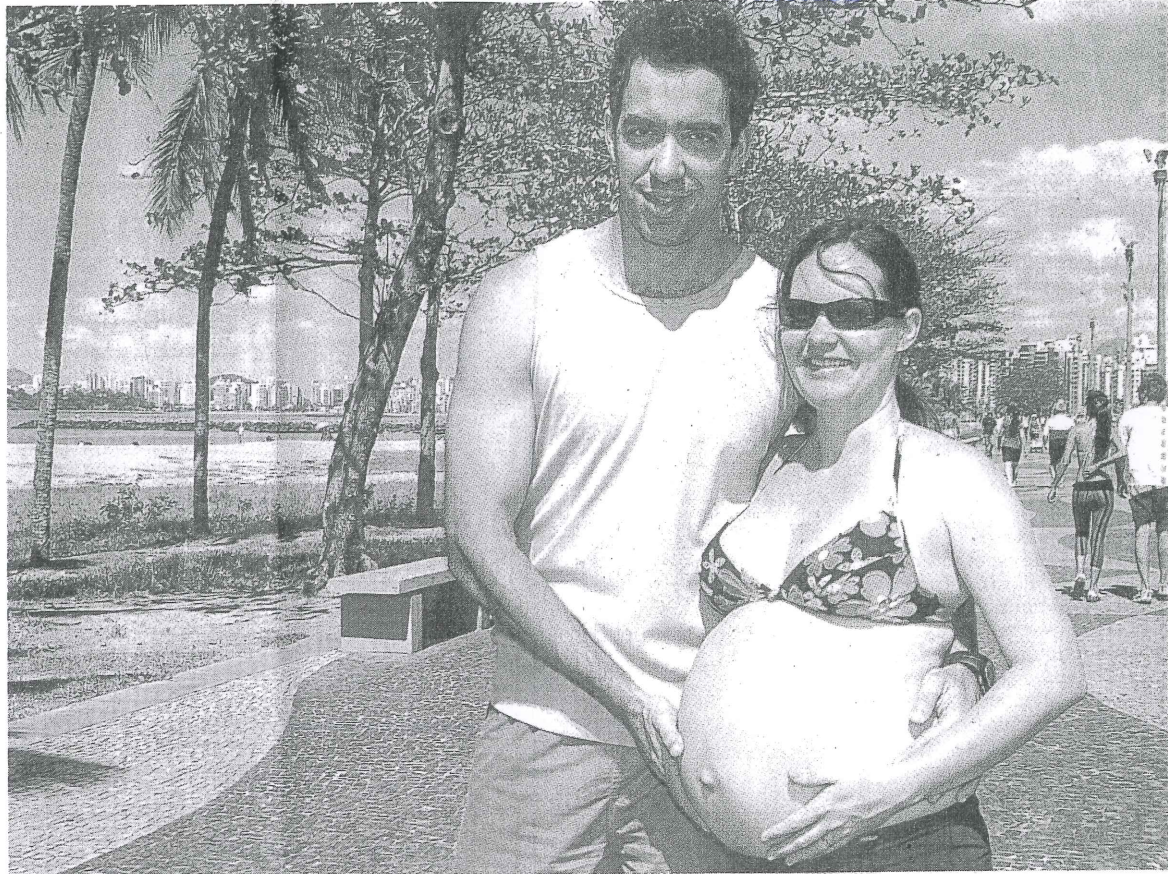
“Daqui a 20 ou 25 anos, será muito menor a população de crianças e jovens. Isso será ruim em alguns aspectos.”

ANA PAULA VESCOVI
PRESIDENTE DO INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

“Quanto maior o nível de escolaridade, também é menor o número de filhos. Isso se deve ao acesso à informação, aos métodos anticoncepcionais e ao aumento do padrão de consumo. As pessoas com maior renda buscam outros bens, como cultura e lazer. Geralmente também trabalham mais e por isso têm menos tempo e disponibilidade para cuidar de um filho”, detalha a presidente do Instituto Jones.

Outro reflexo da decisão dos casais de terem menos filhos ou de deixarem para depois é a redução das populações mais jovens. Essa mudança acelerada no perfil demográfico do Estado e do país vai trazer muitas consequências para os próximos 20 anos, segundo Ana Paula.

“Essa nova configuração das famílias pode afetar até mesmo o sistema econômico. Teremos menos jovens, ou seja, pessoas na idade ativa e mais idosos. Com isso, se não forem tomadas algumas medidas, o sistema previdenciário ficará sobrecarregado, assim como a saúde, já que vão predominar as doenças crônicas e autoimunes, que demandam mais custos,” analisa.



Primeiro filho só após ter a vida estabilizada

■ O casal Gisele, 29 anos, e Otávio de Lima, 31, resolveu esperar quatro anos pela gestação do filho Heitor, que vai

nascer no próximo mês. A decisão de prorrogar um pouco a gravidez após o casamento foi motivada pelos estudos e pela busca por estabilização econômica. Gisele fez mestrado; e Otávio, doutorado. Além disso, eles haviam acabado de se mudar para a Ca-

pital e queriam conhecer melhor a cidade antes de criar um filho. “Agora, a gente tem o nosso apartamento, e está tudo organizado. Foi importante esse amadurecimento na vida de casal antes de receber um filho”, diz Otávio. A espera também fez aumen-

tar a pressão dos familiares, ansiosos para ver Gisele grávida após o casamento. “Nós resistimos bastante. Minha sogra ligava todo dia querendo um neto, mas hoje temos certeza de que o melhor foi esperar”, conta a futura mãe.